

**QUERELAS GRAMATICAIIS  
ENTRE SOLANO E BARBOSA:  
UM AUXILIAR NA CONSTITUIÇÃO  
DO SABER LINGÜÍSTICO BRASILEIRO  
NO SÉCULO XIX**

*Márcia Antonia Guedes Molina (UFMA)*  
[maguemol@yahoo.com.br](mailto:maguemol@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Sabemos que o século XIX constitui um momento ímpar na consolidação de nosso saber linguístico. Em seu último quartel deu-se o que Auroux (1992) chama de gramatização, ou seja, foram dadas a público obras gramaticais feitas por brasileiros a serem utilizadas nas escolas brasileiras, seguindo o programa de exames idealizado por Fausto Barreto para o Colégio Pedro II, muitas das quais de inspiração no modelo histórico-comparativo. Além disso (e por causa disso), no final do século, estudiosos, uns, adeptos aos preceitos das anteriores obras de inspiração filosófica, opunham-se àqueles outros, seguidores das de inspiração no modelo histórico-comparativo. Essas duas maneiras de se conceberem os estudos gramaticais geravam polêmicas que ganhavam notícia, como o famoso embate entre Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, já na virada para o século XX. Observamos, contudo, que essas querelas aconteciam até mesmo muito antes desses fatos. Nosso objetivo neste trabalho é, pois, analisar as provocações a Soares Barbosa, feitas por Solano Constâncio em sua gramática (*Gramática Analítica da Língua Portuguesa*), avaliando os conteúdos apontados por este, considerados "erros" na gramática daquele (*Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*), no que diz respeito à preposição, tomando por base, quando necessário, a obra gramatical de um outro importante estudioso do século: Sotero dos Reis (*Gramática da Língua Portuguesa*). Ancoramos nossos estudos na *História das Ideias Linguísticas* (AUROUX, 1992) e Fávero & Molina (2006), além de estudiosos da história cultural (CHARTIER, 1998) e de estudiosas da obra de Soares Barbosa, Hilma Ranauro (2015) e Leonor Lopes Fávero (1996).

**Palavras-chave:** Século XIX. Gramáticas. Francisco Solano Constâncio. Jerônimo Soares Barbosa. Embates. Preposição.

## 1. Introdução

Sabemos que o século XIX constitui um momento ímpar na consolidação de nosso saber linguístico. Em seu último quartel deu-se o que Auroux (1992) chama de gramatização, ou seja, foram dadas a público obras gramaticais feitas por brasileiros a serem utilizadas nas escolas brasileiras, seguindo o programa de exames idealizado por Fausto Barreto para o Colégio Pedro II, muitas das quais de inspiração no modelo histórico-comparativo. Além disso (e por causa disso), no final do século, estudiosos, uns, adeptos aos preceitos das anteriores obras de inspiração filosófica, opunham-se a aqueles outros, seguidores das de inspiração no modelo histórico-comparativo. Essas duas maneiras de se conceberem os estudos gramaticais geravam polêmicas que ganhavam notícia, como o famoso embate entre Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, já na virada para o século XX.

Observamos, contudo, que essas querelas aconteciam até mesmo muito antes desses fatos, já ocorriam na fase *vernaculista* delimitada por Sílvio Elia (1970) momento em que nossos estudiosos, de tradição portuguesa, produziam suas obras que acabavam sendo utilizadas no Brasil também.

Nesse período conviveram gramáticos tanto de preocupação totalmente purista, quanto representantes de uma geração ansiosa por afirmação, autonomistas e separatistas. (ELIA, 1970)

É nesse momento ímpar, de contradições e embates, que se situa nosso trabalho. Nosso objetivo é analisar as provocações a Soares Barbosa (1875), feitas por Solano Constâncio (1855), em sua gramática (*Gramática Analítica da Língua Portuguesa*), em especial na parte em que trata da etimologia, restringindo nossas análises à seguinte classe de palavras: preposição<sup>9</sup>. Esclarecemos que ambos os autores produziram suas obras no período vernaculista, e nelas cotejaremos os conteúdos apontados por este, considerados "erros" na gramática daquele (*Gramática Filosófica da*

---

<sup>9</sup> As críticas feitas pelo autor em outras classes de palavras foram objeto de análise em: Solano Constâncio e Soares Barbosa: *embates gramaticais*, 2015, no prelo.

*Língua Portuguesa*). Para que não corremos o risco de avaliar o objeto com nosso olhar hodierno, cotejaremos a preposição nas obras desses estudiosos, tomando como contraponto a de um outro importante gramático do período: Sotero dos Reis (*Gramática da Língua Portuguesa*).

Ancoramos nossos estudos na história das ideias linguísticas Auroux (1989, 1992), Orlandi (2001) e Fávero & Molina (2006). E como toda a obra insere-se num determinado contexto histórico e, assim, acaba por revelar as concepções as influências do período, valer-nos-emos também de estudiosos da história cultural, como (CHARTIER, 1998), de Ranauro (2015) e Fávero (1996), estudiosas de Soares Barbosa.

## 2. *Dos autores*

### 1.1 Jerônimo Soares Barbosa<sup>10</sup>

Filho de Manuel Freire de São Lázaro e Violante Rosa Soares, nasceu no primeiro quartel do século XVII, estudou no Seminário Episcopal de Coimbra, fundado pelo bispo D. Miguel da Anunciação. Formou-se em direito canônico. Foi sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa, catedrático de Retórica e Poética no Colégio das Artes e teve como função a inspeção das escolas de Primeiras letras e de língua latina, em Coimbra. Além disso, foi deputado e dirigiu edições de clássicos para escolas. Morreu em Almedina (Portugal), em 1815.

Publicou<sup>11</sup>, além da *Gramática Filosófica*:

- *Oratio Auspicalis, Habitaе Conimbricae in Gymnasio Maximo*, 1767;
- Instituições Oratórias de Marco Fábio Quintiliano, 1788;
- Análise d'*Os Lusíadas*;

---

<sup>10</sup> Que passaremos a chamar de Soares Barbosa.

<sup>11</sup> Disponíveis em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo\\_Soares\\_Barbosa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo_Soares_Barbosa)>.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- "As duas línguas", uma gramática filosófica comparada do português e do latim;
- "Escola popular das primeiras letras dividida em quatro partes" (1796), uma gramática elementar do português com instruções destinadas aos mestres-escola;
- Poética, tradução e explicação da obra de Horácio, 1791;
- *Oratio in gratiarum actionem Josepho I, Lusitanorum regi fidelissimo, habita Conimbricae in Gymnasio publico, & coram frequenti Academia V. Non.* Outubro, 1766.
- *Epitome Universae et Lusitanae*
- Mundo Alegórico ou O Plano da Religião Cristã

### **1.2 Francisco Solano Constâncio**

Francisco Solano Constâncio (1772-1846), nasceu em Portugal, Lisboa, em julho de 1777, formou-se em medicina pela Universidade de Edimburgo. Exerceu a atividade de diplomata e jornalista, destacando-se com a publicação de diversos textos de liberais portugueses. Exatamente por isso e receando as consequências da sua simpatia pelo ideário da Revolução Francesa, emigrou do país, em 1808. Percorreu toda a Europa, fixando-se em Paris. Nessa cidade publicou o *Observador Lusitano*, os *Annaes e Novos Annaes das Sciencias e das Artes*, em 1827. Possui vasta bibliografia, destacando-se temas relacionados à economia política.

### **3. Visão geral das obras**

#### **3.1. Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (Jerônimo Soares Barbosa)**

A *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (ou Princípios da Gramática Geral Aplicados à Nossa Linguagem)*<sup>12</sup>, lança-

---

<sup>12</sup> Para facilitar a leitura, procedemos à atualização ortográfica dos nome e dos conteúdo das obras estudadas.

da nos primórdios do século XIX<sup>13</sup>, é ancorada nas obras de inspiração filosófica do séc. XVIII, é, de acordo com Ranauro (2015) baseada, em especial, na *Gramática de Port-Royal* (1660). Muitas vezes reeditada, a *Gramática Filosófica* foi formadora de muitos dos intelectuais do período. Para este trabalho, valemo-nos da edição de 1875.

Seguindo a tradição greco-latina, a obra vem dividida em 04 livros: no primeiro, o autor traz um tratado da ortografia, intitulado “Da ortografia ou da boa pronúncia da língua portuguesa”, no II, “Da ortografia ou da boa escritura da língua portuguesa” no III, Da etimologia ou partes da oração portuguesa e o IV Da sintaxe e construção. Precedem esses livros a "Introdução", momento em que o autor "condena o ensino da língua fundamentado na memorização pura e simples das regras com base no *uso*". Para Barbosa, o ensino deveria c ater-se às "razões das práticas do uso". (BARBOSA, 1875, p. XIV), assim, define a gramática como “um sistema metódico de regras que resultam das observações feitas sobre os usos e fatos das línguas”. (BARBOSA, 1875, p. XI).

É na Introdução que pontua o método adotado na obra, afirmando seguir os princípios da gramática geral, especificando que

as regras propostas por este método reduzem-se a menos, porque se unem ao mesmo princípio; percebem-se melhor, porque se sabe a razão d’elas; e afixam-se mais na memória, porque se ligam umas com às outras. (BARBOSA, 1881, p. XV)

Para o autor, o método facilita o aprendizado de todas as línguas, levando o aluno a compreender o porquê dos fatos linguísticos (RANAURO, 2015). São os princípios da gramática geral, um século depois, adotados por Chomsky, que orientam seus ensinamentos.

Ranauro (*op. cit.*) informa que o autor se inspira nos “defeitos” encontrados nas obras de Fernão de Oliveira, João de Barros e

---

<sup>13</sup> 1ª edição, póstuma, data de 1822, mas, diz-se que fora escrita muitos anos antes, visto que sua Introdução data de 1803.

outros gramáticos para corrigi-los, esclarece que o gramático também que se baseara em “quase em tudo” na *Grammatica da Lingua Castelhana* (*Gramática de la Lengua Castelhana*, de António Nebrija, composta pela Real Academia Hespanhola em 1492).

Depois, na sequência, passa a dedicar-se a cada um dos livros propostos em sua obra.

### **3.2. Gramática Analítica da Língua Portuguesa (Francisco Solano Constâncio)**

A obra do autor parte também dos princípios da gramática geral e particular, visto que em seu *Proêmio*, assevera o autor:

As línguas, ainda antes de serem escritas, têm regras invariáveis, as quais derivam da relação natural que existe entre as nossas sensações, ideias e pensamentos, e por conseguinte entre as vozes com que os exprimimos. Por isso, apesar da imensa diversidade de línguas que são ou foram faladas no globo, nota-se entre elas as mais delas grande conformidade de estrutura, ainda quando seus radicais são inteiramente diferentes. (p. 1)

Contudo, mostrando-se já conhecedor dos princípios da gramática histórico-comparativa que começava a fazer escola, continua:

Isso se verifica comparando as línguas da família arábica com as sanscricas, e as dos indígenas de quase toda a América com precedentes. Em umas aparece como desinência o que em outras é uma palavra inteira e não contrata (...)

Mas reforçando sua filiação nos princípios das obras de inspiração filosófica, prossegue (...) mas todas as línguas têm em comum regras ou princípios que constituem a gramática geral ou filosófica. (p. 2)

Opondo-se, contudo, aos que tomavam a língua portuguesa como a latina, explica, na crítica:

Erraram, pois, os autores que para a gramática portuguesa tomaram por base a latina: e trabalharam às cegas os que pretenderam tomar por único guia os princípios da gramática geral, como se o português fosse uma língua primitiva. Os críticos rigoristas que tanto tem

declamado contra os galicismos modernamente introduzidos em português, parecem ignorar que desde a sua origem ele está cheio de palavras e expressões francesas. (p. 3)

Depois de pontuar sua filiação, apresenta a obra, rompendo com a tradição, dividida em cinco partes: Parte Primeira: Das letras ou caracteres vocais; Parte Segunda: Das partes da oração; Parte Terceira: Das partículas da oração; Parte Quarta: Da sintaxe; Parte Quinta: Da prosódia.

Ao longo de seu texto, chama vários estudiosos, na maioria das vezes, criticando-os, apontando seus “erros” e os corrigindo, mas o mais atacado durante todo o texto é Jerônimo Soares Barbosa (Jerônimo Soares Barbosa). Veremos na sequência, os pontos em que Solano Constâncio mais ataca aquele estudioso, quando discorre sobre a preposição.

#### **4. *Solano Constâncio e Soares Barbosa: embates gramaticais***

Muitos são os gramáticos criticados por Solano Constâncio em sua obra. De Fernão de Oliveira a Nebrija, todos são vítimas da pena rigorosa do estudioso, mas nada que se compare às inúmeras censuras tecidas à Soares Barbosa. Durante praticamente toda a obra, os preceitos deste são revistos por aquele, sobretudo nas partes I e II da obra. Dada a limitação espacial a que estamos submetidos, restringiremos nossas análises, portanto, à classe de palavras já especificada anteriormente.

Solano Constâncio começa a preposição, conceituando-a:

As preposições ou partículas prepositivas são assim denominadas porque na oração precedem os vocábulos cuja relação estabelecem com os antecedentes, achando-se na construção regular entre os dois membros. (p. 141)

Na sequência, já critica seu oponente:

As preposições portuguesas são mais ou menos compostas, e nenhuma é *simples ou derivada*, como afirma gratuitamente o Sr. J. S. Barbosa, que exclui todos os termos polissílabos do número de preposições. É notável que, por uma inconsequência inexplicável, admita

este autor como preposições as seguintes: ante, após, contra, desde, entre, sobre, que por certo não são monossílabos. (p. 141).

Jerônimo Soares Barbosa, em sua gramática, traz um significativo estudo das preposições, explicando que elas, como os verbos, são partes conjuntivas, esclarecendo que, contudo, diferentemente do verbo, não combinam dois termos da proposição<sup>14</sup>, visto que conjuntam apenas as palavras que servem de complementos, ou ao sujeito, ou ao atributo, ou ao verbo da mesma oração. Informa também, que, contrariamente ao verbo, a preposição estabelece uma relação de determinação; a preposição, esclarece ainda, indica uma ideia e esta é geral e “simplicíssima, qual é a relação de complemento em que um objeto está para com outro” (p.219), já o verbo fornece inúmeras informações, como “o modo de enunciação”, o número e pessoas, o atributo (p. 216). Na mesma toada, informa que a preposição é sempre uma palavra “indeclinável e invariável”, *simples* e não composta, *primitiva e não derivada*.

Continuando a discorrer sobre as preposições Jerônimo Soares Barbosa traz uma relação de 40 palavras, dizendo que são aquelas consideradas preposições pelos gramáticos, mas, informa, dessas, apenas 16 são efetivamente preposições: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre. Reforça sua afirmação asseverando: “As mais todas ou são nomes ou advérbios, e como tais devem ser tirados da posse injusta em que as puseram nossos gramáticos”. (p. 221)

Ranauro (2015, p. 470) esclarece que, no estudo das preposições, Jerônimo Soares Barbosa

atenta principalmente para aspectos semântico-estilísticos, sem descurar dos aspectos sintático-funcionais. Parte das relações ‘lógicas’ quanto aos aspectos semântico-estilísticos na divisão/distribuição das preposições (norma e usos no discurso) (...).

Solano Constâncio finaliza sua crítica, informando:

---

<sup>14</sup> Lembremo-nos de que para o autor, ancorado na *Grammaire* de Port-Royal, o verbo por excelência era o verbo ser, cuja função era ligar o sujeito ao seu atributo.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

O que iludiu o Sr. J. S. Barbosa foi o não ter conhecido a fundo a natureza e constituição elementar das partículas, havendo só considerado a sua colocação na frase, e admitido por uma suposição gratuita, que uma preposição não pode ser precedida ou seguida de outra, nem empregada em sentidos diferentes. *Até*, que o autor reconhece como preposição genuína, se torna advérbio nas frases seguintes, e em muitas outras: *até por isso, até para, até entre, etc.* (...). (p. 143)

Como contraponto, tomando a obra de Sotero dos Reis (1871), em relação à preposição, informa esse estudioso: "é uma parte invariável da oração que exprime uma relação entre duas palavras ou entre um termo *antecedente* e outro *consequente*, ligando o segundo ao primeiro". (p. 159)

E admite mais de 40 palavras ou expressões como preposições, considerando-as, como Jerônimo Soares Barbosa, tanto simples como compostas.

Como vimos, não havia consenso entre eles em relação a esta classe de palavra<sup>15</sup>, mas Sotero se alinha à posição de Jerônimo Soares Barbosa, até mesmo porque esse autor fez escola no Brasil. Sublinhamos, contudo, que os questionamentos de Solano Constâncio alertaram muitos estudiosos do século XIX e início do XX a olharem cientificamente à língua, dentre esses, destacamos Eduardo Carlos Pereira, que em sua *Gramática Expositiva (Curso Superior)*, em vários momentos, menciona os ensinamentos de Solano Constâncio.

### 5. *Considerações finais*

Antes de iniciarmos esta parte, temos de verbalizar nossa estupefação ao encontrar tantas críticas à obra de Soares Barbosa, esquecido por alguns, lembrado e seguido por inúmeras obras do século XIX, dada sua profundidade e vanguardismo, na obra de Solano Constâncio.

Fávero (1996) pontua:

---

<sup>15</sup> E em várias outras classes de palavras, apontadas em produção já mencionada (no prelo).

A *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* é para muitos uma obra presa à tradição greco-latina e à *Grammaire de Port-Royal*. A análise que aqui se fez procurou mostrar que se ele se inspirou na tradição greco-latina, em Sánchez, Port-Royal e enciclopedistas, esta dependência não põe em risco a novidade da *Gramática* e certos aspectos que ela levanta são muito caros à linguística moderna (...) (p. 252)

Ranauro (2015) assevera:

Trata-se, na realidade, o que constatamos em vários momentos de nosso trabalho, de um pré-conceito em relação, à princípio à própria gramática filosófica em si, frequentemente acusada de basear-se em princípios estatuidos *a priori*, com base na ciência da lógica, o que não corresponde à realidade quando se trata de uma gramática de uma língua particular, que parte exatamente dos fatos dessa língua, como não poderia deixar de ser. (p. 457)

Conforme íamos lendo Solano Constâncio e assinalando os momentos em que não deixava de renegar seu “colega”, quis-nos parecer que a grande crítica é que Soares Barbosa demonstra real apego à tradição greco-latina, tomando a língua portuguesa como a latina.

Além disso, em determinados pontos da obra, pareceu-nos enxergar uma pitada de ressentimento, visto que a *Gramática Filosófica* fora financiada pela imprensa régia, chegando a afirmar, quando discute, no gênero, o dual: "Não compreendo como pôde cair em tal erro o Senhor Jerônimo Soares Barbosa, na sua *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, que a Academia de Ciências de Lisboa a imprimiu a suas custas em 1822". (p. 42). Remontando a Elia (1975), ousamos dizer que Soares Barbosa seria representante do que chamou de geração de puristas, enquanto Solano Constâncio da geração de autonomistas e separatistas.

Lembrando as representações que se faziam no período em relação à língua e ao estudioso de gramática (CHARTIER, 1998) e Ventura (1995), para quem "o progresso e a modernização foram questões centrais para os letrados do século XIX" (p. 40), julgamos que, por isso, talvez, Solano tenha realçado em sua obra a importância do espírito científico, frisando em vários momentos que

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a língua portuguesa não era, como queriam muitos, "espelho da latina"<sup>16</sup>.

Ao enxergar a língua como objeto de investigação científica e apontar o que faziam os que não a tinham como tal, ensejou questionamentos que contribuíram muito para e com o avanço dos estudos gramaticais, cunhando, assim, seu nome na história das ideias linguísticas no Brasil.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULD, A.; LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. Trad.: Bruno Fregni Bassetto. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Histoire des idées linguistiques*. Paris: Pierre Mardaga, 1989.

BARBOSA, J. S. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1875.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad.: Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1998

ELIA, S. *Ensaio de filologia e linguística*. Rio de Janeiro: Littera, 1975.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. *Concepções linguísticas no Brasil: século XIX. A gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. Campinas: Unicamp, 1996.

---

<sup>16</sup> Nesse sentido, lembramos o nome da obra de Argote: *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina, ou Disposição para Facilitar o Ensino da Língua Latina pelas Regras da Portuguesa*, 1725.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

RANAURO, H. *Para compreender uma gramática filosófica: uma análise crítica e comparativa da Grammatica philosophica da língua portuguesa* de Jerônimo Soares Barbosa. Rio de Janeiro: Alternativa, 2015.

REIS, F. Sotero dos. *Gramática portuguesa*. Maranhão: Typ. de R. Almeida e editores, 1871.

SOLANO, F. C. *Grammatica analytica da lingua portugueza*. Portugal: Casa de J. P. Aollaud, Monlon, E.C, 1855.

VENTURA, R. *Estilo tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.